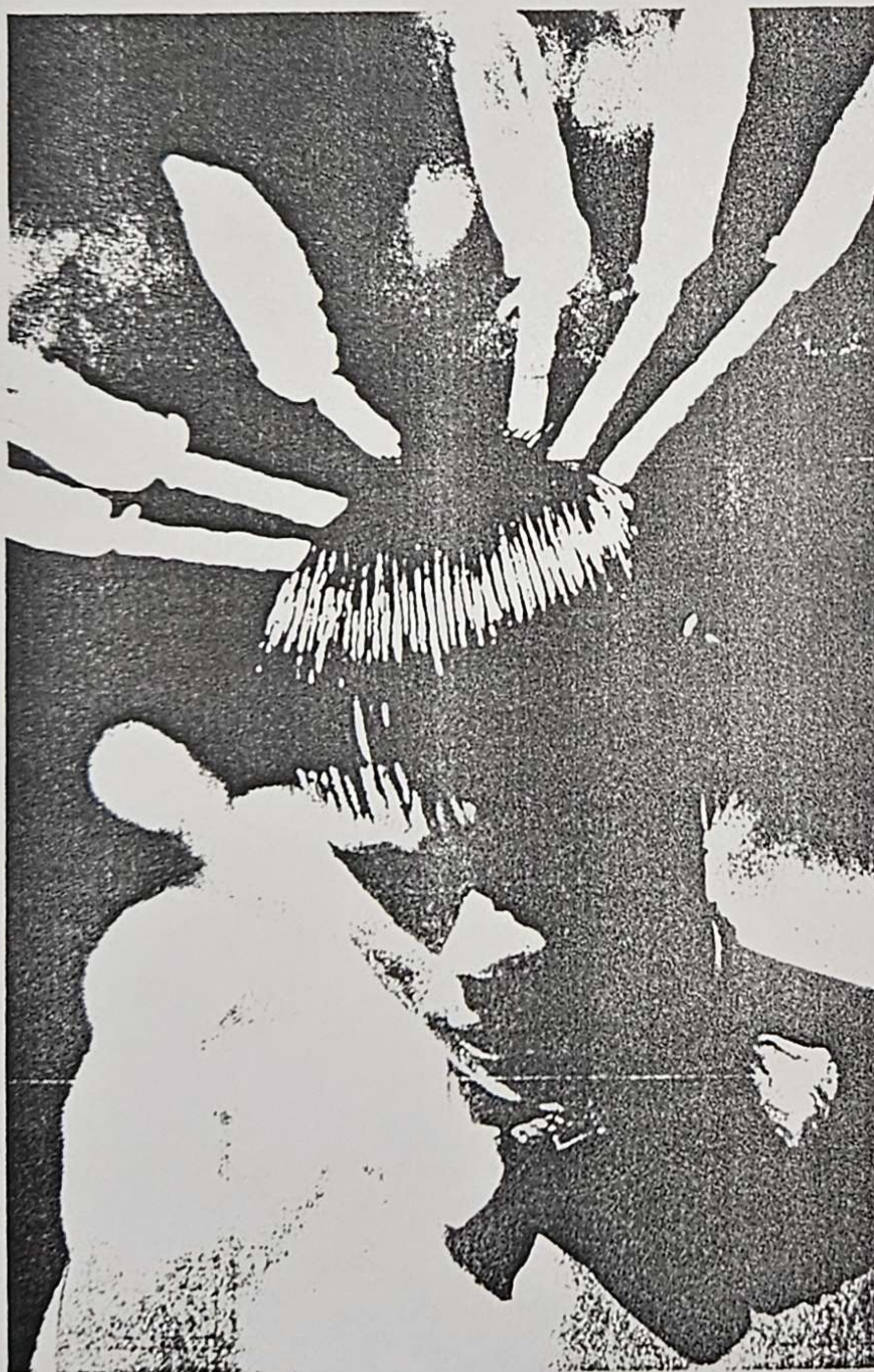




Cerimônia de índios xavantes, que se apresentam hoje em São Paulo, com o espetáculo 'Itsari', dentro da Temporada de Outono organizada pelo Sesc

Parque da Independência recebe xavantes



Índio xavante da aldeia Pimentel Barbosa, que traz 30 de seus membros para shows na cidade

NELSON DE SA
da Reportagem Local

Hoje, amanhã e depois, ao ar livre no parque da Independência, 30 índios xavantes apresentam, pela primeira vez, suas cerimônias aos brancos de São Paulo.

É o espetáculo que "os velhos" da aldeia de Pimentel Barbosa (MT) idealizaram para mostrar à nova geração branca a tradição — ou "Itsari", o título, em jê — cultural dos xavantes.

A entrevista a seguir é com Suptó Xavante, 31, o cacique da aldeia e diretor do espetáculo. Ele estudou em Ribeirão Preto (SP) e responde em português hesitante.

★

Folha - Como foi a escolha das cerimônias para a apresentação?

Suptó Xavante - Para a gente escolher foi difícil, um pouco difícil. Porque a gente vai mostrar isso para uma cultura diferente. Por isso deu um pouco de trabalho.

Folha - Você escolheu as que fossem de mais fácil compreensão?

Suptó - A gente escolheu porque são importantes. São feitas, por exemplo, quando o adolescente passa para a vida adulta. Essa é uma cerimônia muito importante para a nossa tradição.

Folha - Vocês fizeram um CD, depois gravaram com o Sepultura, agora o espetáculo. A aldeia tomou uma decisão de levar a cultura

ra xavante aos brancos?

Suptó - É um modo, em primeiro lugar, de valorizar a nossa tradição. Mostrar o que a gente tem de importante dentro da cultura. Então, é uma maneira de o povo branco conhecer.

Folha - Fazer o espetáculo foi uma decisão da aldeia?

Suptó - Sim. A idéia partiu dos velhos, em conjunto com os novos, em discussão. Os velhos pensaram que seria importante mostrar para a geração que está vindo, da população branca. Seria uma oportunidade de mostrar o valor da nossa identidade.

Folha - Vocês buscam levar os brancos, conhecendo a cultura, a respeitar mais os povos indígenas?

Suptó - Você sabe, tem outros lugares em que estão discriminando as nações indígenas. Então, é em geral, não só para mostrar o valor da nossa nação. É para o povo branco saber que ainda existem essas culturas diferentes. É uma maneira de mostrar que a gente também sabe cantar, que a gente ainda está mantendo essas tradições.

Folha - O que representou para vocês o assassinato do índio pataxó Galdino em Brasília?

Suptó - A gente ficou comovido com o que houve com ele. Ele pode ser de uma nação diferente, pode ser pataxó, guarani, ianomâmi, mas o sentimento pelo povo índio é um só. Isso deixou a gente comovido, em termos de os adolescen-

tes não respeitarem, apesar de eu não saber se é verdade. Eles não identificaram ele como índio.

Folha - Vocês chegaram a celebrar alguma cerimônia por ele?

Suptó - A gente faria, se fosse da mesma nação. Mas foi no tempo em que a gente estava ensaiando, para vir para cá, e a gente ficou uns dois dias parados. Sem pensar em nada. Só pensando naquilo, no que aconteceu.

Folha - A aldeia Pimentel Barbosa não aceitou nem a tutela da Funai nem a presença dos grupos religiosos que atuam junto aos povos indígenas. É assim até hoje?

Suptó - Hoje em dia as coisas estão difíceis para a Funai. Sempre foram. Nesses termos, a gente não depende muito da Funai. A gente procura outros meios. Em termos das missões, uma missão teve intenção de entrar e pregar ao pessoal (ri) para virar cristão. Mas o pessoal de Pimentel Barbosa é difícil de ser, assim, dominado.

Folha - Dos 30 xavantes que vieram para o espetáculo, todos já haviam estado fora da aldeia?

Suptó - Não, tem uns dez que nunca saíram da aldeia. Alguns velhos, naquele tempo, depois do contato, iam muito para o Rio ou para São Paulo. Saíam. Mas não tem esse acesso direto.

Folha - E o choque, chegando a São Paulo, foi muito grande?

Suptó - O pessoal ficou admirado. Muito barulho, fumaça.

Aldeia faz CD, livro, filme e exposições

da Reportagem Local

O espetáculo que a aldeia de Pimentel Barbosa apresenta a partir de hoje, no Sesc, é parte de um esforço de divulgação da cultura dos xavantes iniciado há dois anos.

Começou com a gravação de um CD de músicas da aldeia, em produção de Angela Maria Pappiani, da organização não-governamental Núcleo de Cultura Indígena.

Ela é a co-diretora de "Itsari" e prepara para o fim do ano uma série de empreendimentos para os 50 anos do primeiro contato dos xavantes com os brancos: livro de narrativas, documentário de uma hora, exposição de fotos de época e atuais e um CD-ROM.

Ela diz que "Itsari" segue como um "ritual", ainda que adaptado ao palco e reduzido no tempo (pa-

ra uma hora).

"A vontade deles é mostrar o máximo possível, da maneira mais próxima possível, o que é a cultura xavante, com várias cerimônias diferentes."

Duas das 15 cenas programadas, explicadas por Angela:

Wai'a Rápó - canto e dança da cerimônia de perfuração de orelha, apresentada com máscaras feitas com seda de buriti e penas de arara, pintadas em urucum com os símbolos de cada clã.

Wai'a - cerimônia de transmissão dos ensinamentos espirituais para os meninos terem força e o dom da cura. Começa com o som do umrere, um instrumento de sopro, e segue com chocalhos.

O esforço xavante de divulgação cultural passa também pela fotógrafa Rosa Gauditano. Uma expo-

sição de seu trabalho está em cartaz na Casa de Fotografia Fuji. Além dos xavantes, há imagens dos carajás, tucanos, ianomâmis, araras e outros.

Ela prepara um livro com fotos da aldeia de Pimentel Barbosa e comenta que "os xavantes são superpreocupados com o visual, são muito detalhistas na pintura".

Espectáculo: Itsari

Direção: Suptó Xavante e Angela Pappiani

Elenco: Siridwê, Sereburá, Suptó,

Serehimirô e outros

Quando: hoje e amanhã, 21h; dom., 20h

Onde: Parque da Independência (pça. do

Monumento, s/n, Ipiranga, tel.

011/289-9000)

Quanto: Grátis, com ingressos retirados

antecipadamente nas unidades do Sesc

Consolação, Ipiranga, Paulista e Pompeia



DOIS ÚLTIMOS DIAS Termina amanhã, na Casa de Fotografia Fuji (av. Vereador José Diniz, 3.400, tel. 533-7367, Campo Belo), a mostra "Nossa Tribo", que exibe fotos de Rosa Gauditano de oito tribos de todo o Brasil: araras (acima, à esq.), tucanos (à dir.), xavantes, calapós, ianomâmis, carajás, guaranis e pankararus